

Teatro

18, 19, 20 de maio 2012

42

PANOS

PALCOS NOVOS PALAVRAS NOVAS

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Septeto Fatal

de Alex Cassal

Liceu Hölderlin

de Pedro Mexia

Os Avôs

de Rory Mullarkey

Sexta 18, sábado 19, domingo 20 de maio
Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório

Sexta 18 de maio

18h30 · Pequeno Auditório

Liceu Hölderlin

Clube de Teatro Eça de Queirós
da ES Eça de Queirós (Lisboa)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Os Avôs

Sexta Insónia do Agrupamento
de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão
(Portimão)

Sábado 19 de maio

16h · Sala 2

Pano para mangas

conversa com os autores e os grupos

18h30 · Pequeno Auditório

Septeto Fatal

TASE, Teatro de Animação de Santa
Eufémia (Leiria)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Os Avôs

Na Xina Lua da ES Tondela

Domingo 20 de maio

16h · Pequeno Auditório

Septeto Fatal

AN!MAL, Círculo Cultural Scalabitano
(Santarém)

18h30 · Palco do Grande Auditório

Liceu Hölderlin

(En)Cena da ES/3 de Serpa

Apresentação

Nos PANOS – palcos novas palavras novas, cada nova edição tem de resolver de maneira diferente uma equação cheia de incógnitas que junta a escrita de novos textos de teatro ao teatro feito por novos: dramaturgia e adolescência, juntas e ao vivo. Sete edições, 22 textos, cento e muitos espetáculos depois, nada aqui é fácil nem automático.

Não foi fácil nem automático para os 25 grupos de todo o país que este ano apresentaram os seus espetáculos chegar ao dia da estreia. Não só por falta de orçamento ou de possibilidades técnicas, mas porque é difícil ter o tempo e a teimosia para pôr em cena estes espetáculos que duram uma hora, textos exigentes que não podem ter cortes nem acrescentos porque é preciso honrar a sua estreia e para os quais é ao mesmo tempo fundamental inventar um ritmo, um riso, uma respiração e uma matéria que não estão no papel. É difícil.

Este ano, do projeto Connections em que nos baseamos, foi traduzida (por Ana Mendes) *Os Avós* de Rory Mullarkey; e, pequena diferença, em vez de encomendarmos dois originais portugueses como era hábito, temos dois originais em português: *Liceu Hölderlin* do português Pedro Mexia e *Septeto Fatal* do brasileiro Alex Cassal (que vai provavelmente ser refeita no projeto equivalente aos PANOS em São Paulo, chamado Conexões).

Num fim de semana de novembro, estes três textos foram discutidos pelos encenadores dos grupos que os escolheram, com a presença dos autores e

de, para cada um, um encenador-orientador. E aqui houve três regressos: o de Anthony Banks, diretor do Connections e nosso convidado habitual, que veio trabalhar *Os Avós*; Diogo Dória (que já tinha tido este papel na primeira edição dos PANOS) para *Liceu Hölderlin*; e Tiago Rodrigues, que foi um dos autores de 2009, para organizar a conversa à volta de *Septeto Fatal*, onde aliás tem um *cameo*.

A questão do grupo, do coletivo, é um tema recorrente nos PANOS (e provavelmente no teatro, que é sempre criação de vários). Se *Os Avós* transforma um conjunto de adolescentes numa unidade militar, uma máquina de guerra, pode dizer-se que também forma um grupo de amigos, como os super-heróis de *Septeto Fatal*? E que dizer do lado negro destas comunidades, que se definem sempre pelo que excluem e pelas certezas que não se discutem? É assim que deve ser lida a cena do pássaro ferido na peça de Mullarkey (“Ele não é um de nós”), ou as dúvidas de Rómula no *Septeto*, ou ainda a tensão permanente entre o indivíduo (Frederico) e os seus pares que, no *Liceu Hölderlin*, oscilam entre a provocação e o fascínio. Se Frederico parece vir outro planeta, no *Septeto* há mesmo um alienígena, emblema da desadequação. Estas duas peças veem a adolescência como vida intensificada e em permanente desequilíbrio, seja através da metáfora (para levar a sério em toda a sua inocência) dos superpoderes, seja através do curto-circuito entre juventude e Romantismo literário no *Liceu* (“Tenho emoções a mais para a vida que tenho”). O amor

é aqui uma palavra-chave, ou uma palavra-enigma, e com ele o seu duplo, o sexo (“Arranjem um quarto” é uma frase que surge nestes dois textos, e é também isso que falta nos *Avós*: um espaço para a privacidade, palavra violentamente redefinida). Não será por acaso que a necessidade de encontrar o outro se condensa nas três peças na figura de um abraço, capaz de suspender o tempo: as *Pietás* no *Septeto Fatal* e nos *Avós*, na passagem entre a vida e a morte; e Sofia caminhando sobre os pés de Frederico, um momento entre sonho e realidade.

Estruturalmente são peças bem distintas: da música minimal de *Os Avós*, tantas vezes uma *staccato*, aos tempos distendidos como paisagens do *Liceu*; da lógica matemática da primeira (como se também tivesse passado pela recruta para se transformar numa máquina bem oleada) às regras cénicas sempre em metamorfose do *Septeto* (como se a peça também tivesse superpoderes).

Para descobrir diferenças e semelhanças podem agora ver-se no festival na Culturgest dois espetáculos/exemplos por cada texto, escolhidos por um comité de seleção este ano composto por Armando Pinho, Francisco Frazão, João Carrolo, Manuel Henriques, Ricardo Correia e Sandra Machado. E publicamos o livro com as seis peças. Para o ano, fazemos tudo de novo.

Septeto Fatal de Alex Cassal



© Folha

Sinónimo O que é que sabes fazer?

Rómulo O mesmo que o Rómulo fazia.

E tu?

Sinónimo Sou o Sinónimo. Desloco-me por múltiplas autoimagens.

Penélope E eu salto no tempo. Posso ir para trás, e para a frente também. (*Salto temporal.*) Para trás, e para a frente também. (*Salto temporal.*) Para trás, e para a frente também. (*Salto temporal.*) Para trás, e para a frente também.

Príncipe Para com isso! Estes déjà-vus dão-me dores de cabeça!

Velocistas, telepatas, alienígenas, viajantes do tempo, camaleões-humanos, miúdos longevos. Os seus corpos transformam-se da noite para o dia. Falam uma língua incompreensível. Parecem ter vindo de outro planeta. São mais fortes, inteligentes, hábeis, intrépidos. Têm apetites vorazes. Mal controlam

as suas capacidades. São adolescentes com superpoderes: formam o *Septeto Fatal*, peça do autor brasileiro Alex Cassal. Um grupo de heróis relutantes, divididos entre ameaças apocalípticas e os exames de fim de ano.

Alex Cassal é um historiador, encenador e *performer* brasileiro. Desde os anos 80, trabalha com teatro, circo, dança, vídeo e *performance*. Vive no Rio de Janeiro, onde colabora com artistas como Dani Lima, Alice Ripoll, Gustavo Ciriaco e Enrique Diaz. É fundador, com Felipe Rocha, da companhia Foguetes Maravilha, tendo criado espetáculos como *Ele precisa começar*, *Ninguém falou que seria fácil* e *2histórias*. Desde 2009 vem colaborando com o coletivo português Mundo Perfeito: *Estúdios*, *Cartões de visita*, *Hotel Lutécia* e *Mundo Maravilha*. Durante cinco anos foi professor da REDES – Redes de Desenvolvimento da Maré, trabalhando com jovens de uma das maiores favelas do Rio de Janeiro. Ainda lê banda desenhada.

AN!MAL, Círculo Cultural Scalabitano (Santarém)

Com João Escabelado, Artur Fonseca, Liliana Martins, Miguel Leitão, Filipa Santos (Couves), Rita Constantino, Mafalda Martins, Carina Diogo, Mariana Campos, Daniela Lopes, José Araújo, Francisca Lynce, Filipa Carvalho, Carolina Lopes, Leonor Lopes, Rita Pereira, Francisco Andrade, Joana Vaz, Francisco Caldeira, Jorge Palma e Margarida Matos

Encenação Rui Lopes e Joana Santos

Assistente de encenação Carina Diogo
Cenografia An!mal Cão empalhado
Bárbara Ferreira e Beatriz Ferreira
Assistente de produção Chico Selqueira
Edição Voz off Bruno Santos e Liliana Martins
Edição vídeo Jorge Palma
Edição som Artur Fonseca
Pesquisa de imagens, vídeos e som An!mal
Desenho de luzes Bruno Fernandes
Figurinos An!mal
Cartazes António Paredes
Sonoplastia Rui Lopes e Joana Santos
Música original Jaime Oliveira

TASE, Teatro de Animação de Santa Eufémia (Leiria)

Com Mariana Ferreira, Jessica Sousa, Ângela Francisco, Bruno Roda, Diana Costa, Berta Antunes, Sara Lourenço, Nelly Silva, Inês Jorge, Sara Jorge, Beatriz Francisco, Cristiana Ferreira, Filipa Ferreira, Joana Fiúza, Valter Barbosa, Thomas Santos, Inês Gaspar, Rita Encenação Gina Cordeiro
Técnicos de luz e som Gabriel Costa, Eduardo Ruivo



Septeto Fatal, ANIMAL, Círculo Cultural Scalabitano (Santarém)

Liceu Hölderlin de Pedro Mexia



© Folha

Tiago Eras capaz de não falar com a Sofia?

Frederico Não.

Tiago Então porque é que sugeriste isso?

Frederico Era capaz de tentar.

Tiago Sabes porque é tu te safas sem apanhar? Porque falas como uma miúda. Isso não é conversa de homem.

Frederico A conversa de homem não é propriamente um ideal de civilização.

Tiago Um ideal de civilização?

Frederico Sim.

Tiago Por isso é que ninguém te bate.

Em *Liceu Hölderlin* de Pedro Mexia, olha-se para o Romantismo enquanto juventude literária e para a juventude enquanto Romantismo etário. Fred está apaixonado por Sofia, que tem um namorado. Fred está desesperado e confiante, e aperfeiçoa um entendimento do mundo à sua circunstância. Num enredo

liceal normal, com tédio, conquistas, perguntas e amores não correspondidos, as personagens têm os nomes próprios dos escritores românticos alemães, e os textos destes insinuam-se por vezes nas falas dos adolescentes.

Pedro Mexia nasceu em 1972, em Lisboa e é licenciado em Direito. Foi crítico e cronista no *Diário de Notícias* e no *Público*. Escreve atualmente no *Expresso* e na revista *LER*. É um dos membros do programa *Governo Sombra*, na TSF. Foi subdiretor e diretor interino da Cinemateca. Tem colaborado regularmente em projetos das Produções Fictícias.

Publicou seis livros de poemas, antologiadados em *Menos por Menos* (2001), três livros de crónicas e três volumes de diários, escolhidos de entre textos publicados em blogs. Mantém o blogue *Lei Seca* (www.a-leiseca.blogspot.com).

Colaborou duas vezes no projeto de peças curtas portuguesas *Urgências* (Teatro Maria Matos). Adaptou para teatro (com Ricardo Araújo Pereira) *Como Fazer Coisas com Palavras* do filósofo John Austin (Teatro São Luiz). Publicou a peça *Nada de Dois* (encenada no Brasil e no Canadá) e escreveu *Pigmalião* a partir de Ovídio (Teatro Oficina). Traduziu e encenou *Agora a Sério* de Tom Stoppard (Teatro Aberto).

Clube de Teatro Eça de Queirós da ES Eça de Queirós (Lisboa)

Com Telmo Silva, Tânia Marques, Alexandre Dias, Fátima Sousa, Carlos Pires, Cláudia Vieira, Ana

Arantes, Tatiana Branquinho
Encenação Onivaldo Dutra
Operador de luz Rúben Silva
Contrarregistas Filomena Oliveira e Ricardo Fernandes
Colaboração Joana Lourenço, Filomena Oliveira, Jorge Canadinhos

(En)Cena da ES/3 de Serpa

Com José Eduardo Galamba, Catarina Ferreira, Joana Santos, Bernardo Rafael Brasão, Francisco Lima, João Caracóis
Figurantes Pedro Lanzinha, José Miguel Soares, Jorge Ascensão, Rita Valente, Ana Cristina Santos, Sofia Rodrigues, Manuel João Talhinhos, João Perdígão, Diogo Panazeite, Carmen Orelhas, Liliana Garcia
Encenação Maria João

Brasão **Filme realizado por** Catarina Ferreira, Joana Santos, José Miguel Soares
Equipa técnica Carmen Orelhas, Liliana Garcia, Paulo Troncão



Liceu Hölderlin, Clube de Teatro Eça de Queirós da ES Eça de Queirós (Lisboa)

Os Avôs de Rory Mullarkey

Tradução de Ana Mendes



© Folha

Kost Estamos nas camaratas já. É uma posição militar. Esse pássaro acabou de fazer uma incursão clandestina no território soberano deste País.

Stas Ele voou pela janela.

Kost Ainda assim é uma incursão, meu. Está-se bem, eu fico feliz em cascar-lhe por ti se isso ajuda.

Stas Não lhe vamos cascar.

Kost Ele infiltrou-se –

Stas É um pássaro!

Tanto em Portugal (recentemente) como no Reino Unido (há 50 anos) acabou o serviço militar obrigatório, mas continua a haver adolescentes por todo o mundo a serem mobilizados para as forças armadas. *Os Avôs* de Rory Mullarkey (com tradução de Ana Mendes) acompanha oito jovens recrutas no treino que os transforma em

máquinas de guerra: os momentos em que tiveram de ser capazes de apunhalar um saco de areia, em que tiveram de reagir à incursão de um pássaro ferido no seu território e em que aprenderam a ignorar o escuro.

Rory Mullarkey é licenciado pela Universidade de Cambridge em Russo, Latim e Ucrainiano. Também estudou na Academia Estatal de Artes Teatrais em São Petersburgo, tendo vivido a maior parte de 2008 no Quirguistão, na Ásia Central.

É tradutor de teatro russo, tendo colaborado com o ADC Theatre de Cambridge, o Royal Court de Londres e o Teatro Livre da Bielorrússia.

Entre as suas peças contam-se: *Single Sex* (Royal Exchange), *Remembrance Day* (Royal Court), *Tourism* (Headlong) e *Come To Where I'm From* (Paines Plough).

Em 2010 foi escritor residente no Royal Court, e está atualmente em residência no Royal Exchange Theatre, Manchester, enquanto trabalha também numa encomenda da companhia Headlong.

Sexta Insónia do Agrupamento de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão (Portimão)

Com Cristiana Laranjinho, João Leote, Márcia Silvério, Alina Levinschi, Catarina Domingos, Miguel Jerónimo, Tânia Fernandes, Daniela Matias, Jéssica Bampi, Joana Magalhães, Ana Mihaela, Adriana Pinto **Versão cénica** Sandro William Junqueira **Cenário** Luís Duarte Pacheco

Corporalidade Sofia Brito
Luz Tasso Adamopoulos (Teatro Municipal de Portimão)

Na Xina Lua da ES Tondela

Com Beatriz Silva, Daniel Nunes, Diana Chen, Gustavo Marques, Joana Neves, Jorge Martins, Luís Henriques, Luís Sacras, Mariana Santos, Marta Adão **Encenação** Sandra Santos **Assistência de encenação** João Almiro **Desenho de luz** Paulo Neto **Cartaz** João Silva **Fotografia** Carlos Teles **Apoio à produção** Trigo limpo teatro ACERT **Agradecimentos** ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela, ACRE – Associação Cultural e Recreativa da Ermida, Blackmedia, Ex-Na Xina Lua,

Foto RAF e Regimento de Infantaria 14. Espetáculo criado em Residência Artística no Novo Ciclo ACERT.



Os Avôs, Na Xina Lua da ES Tondela



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Trespass Trio + Joe McPhee

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qua 23 maio

Peq. Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12



Saxofones alto e barítono Martin Küchen

Contrabaixo Per Zanussi Bateria Raymond Strid

Saxofone tenor e trompete Joe McPhee

O formato “sax trio” (saxofone + contrabaixo + bateria) é uma invenção do *hard bop* largamente adotada pelo *free jazz*, sendo precisamente na interseção desses dois subgêneros do jazz que se move o Trespass Trio. Originário da Suécia e da Noruega, este projeto não se fica pela sua matriz estilística: nele reconhecemos ainda o tipo de energia identificatório do rock, como também a rítmica e até o entendimento da melodia próprios da África ancestral, objeto de estudo do líder do grupo.

Martin Küchen tem-se destacado entre os saxofonistas inovadores da escola reducionista e Raymond Strid é um dos mais curiosos criadores de texturas percussivas nos domínios da música improvisada europeia. O que tocam revela desde logo um espectro largo de possibilidades.

Ouvi-los tanto apela ao corpo, pro-

vocando o bater de pés e o abanar de cabeça do jazz mais *groovy* da atualidade, como nos convoca o exercício ativo da mente, numa decifração das estruturas e dos fluxos sonoros que nos envolve, enquanto ouvintes, na criação musical. Esse apelo à percepção e à consciência é reforçado pela mensagem intervencionista e de protesto transmitida pela música: Küchen é um conhecido militante da causa palestina e um crítico acérrimo do sionismo e da política externa dos Estados Unidos.

Não surpreende, pois, que nesta vinda a Portugal o trio se transforme num quarteto com a participação de um convidado muito especial, o americano Joe McPhee. Figura pioneira do *free jazz* de cunho político, aquele que se identificou com o *Black Power* e com as lutas emancipatórias de Martin Luther King e Malcolm X, trata-se de um dos mais fascinantes músicos dos últimos 40 anos, merecedor de um lugar na história do jazz livre, ao lado de John Coltrane, Ornette Coleman e Albert Ayler.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Teixeira estagiária

Inês Raimundo estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
